

Discurso e(m) re(x)istência no/pelo digital: memórias de um acontecimento e a arte em rede

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i1.3318>

Marco Antonio Almeida Ruiz¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar um gesto de interpretação acerca do efeito de re(x)istência criado em alguns memoriais virtuais irrompidos durante a pandemia da Covid-19 no Brasil. Mais especificamente, observamos a instauração de novas memórias sobre o morrer e o luto ressignificadas pela arte em perfis da rede social Instagram, tais como: *Museu do Isolamento* e *Inumeráveis*. Trata-se de desconstruir a naturalização imposta pelas estatísticas e singularizar as características dos sujeitos vítimas da doença, ressaltando as suas subjetividades, não como números e gráficos oficiais, mas como amores e entes queridos, brasileiros e brasileiras, que perderam a vida por conta dessa doença. Para estas nossas reflexões, partimos dos pressupostos teórico-metodológicos da análise do discurso francesa, em especial as noções de memória e acontecimento de Michel Pêcheux (2008, 2010).

Palavras-chave: arte; acontecimento; discurso, re(x)istência; pandemia.

¹ Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil; marcoalmeida@ufg.br; <https://orcid.org/0000-0003-2438-9252>

Discourse and resistance in/through the digital: memories of an event and network art

Abstract

This article aims to present a gesture of interpretation about the resistance effect created in some virtual memorials that erupted during the Covid-19 pandemic in Brazil. More specifically, we observe the establishment of new memories about dying and mourning resignified by art in Instagram social media profiles, such as: *Museu do Isolamento* and *Inumeráveis* (in Portuguese). It is about deconstructing the naturalization imposed by statistics and singularize the characteristics of the victims of the disease, that is, it is necessary to emphasize their subjectivities, not as official numbers, and graphs but as Brazilian loves and loved ones who have lost their life against Covid-19. For our reflections, we start from the theoretical-methodological assumptions of the french Discourse Analysis, especially the notions of memory and event by Michel Pêcheux (2008, 2010).

Keywords: art; event; discourse; resistance; pandemic.

Introdução²

O acontecimento da pandemia ressignificou todas as nossas práticas e relações sociais. O carinho e o amor que antes víamos materializados nos abraços e apertos de mãos, hoje tornaram-se interditados, o isolamento social e o distanciamento daqueles que mais amamos assumiram novos contornos nos últimos dois anos no gesto do cuidar do próximo contra a Covid-19. O alto risco de disseminação dessa doença, aparentemente desconhecida, mas totalmente letal e traiçoeira, fez com que adequássemos velhas práticas a uma “nova normalidade” latente ainda em constantes transformações. O objetivo com essas novas práticas, irrompidas por esse acontecimento do vírus, é salvar vidas, proporcionar um sopro de esperança em meio ao caos instaurado. Atitudes simples, mas totalmente necessárias – higienização frequente das mãos com água e sabão, uso de máscara cobrindo a boca e o nariz, por exemplo –, tornaram-se nossas únicas ferramentas de controle e proteção enquanto aguardamos (ansiosamente!) a imunização completa (incluindo a dose de reforço) da população com a vacina que, infelizmente, no Brasil é a conta gotas em razão da ineficiência do governo federal.

2 Este trabalho é fruto de algumas de nossas reflexões desenvolvidas durante o nosso pós-doutoramento na Universidade de São Paulo. Algumas das questões teóricas – memória e acontecimento – foram trabalhadas em outro artigo publicado recentemente na revista *Cadernos de Estudos Linguísticos*: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8664096>. Para estas novas questões, propomos novos deslocamentos da teoria observando o novo recorte selecionado e os possíveis desdobramentos. Imprimimos, assim, um tom inédito em relação às ideias iniciais presentes no outro artigo.

Além disso, nosso país, entre os meses de fevereiro a junho de 2021, tornou-se motivo de atenção no mundo como o centro de disseminação do vírus, com altíssimos índices de contágio e o total descontrole da pandemia devido ao descaso de um governo inepto e genocida comandado por um chefe de estado que diariamente insiste em minimizar a doença e criticar ações de combate e controle promovidos por muitos prefeitos e governadores do país. A média de mortes diárias passou dos 4 mil, março e abril somaram mais mortes do que vários países europeus juntos desde o início da pandemia; foi, assim, considerando o período mais mortal para os brasileiros e brasileiras. Ademais, com o avanço da variante ômicron³, a corrida contra o tempo para que todos sejam vacinados é fundamental, já que ela é considerada a mais contagiosa em comparação com a variante delta. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, a sua presença no mundo já é contabilizada em mais de 89 países, deixando altos números de infectados⁴.

Podemos dizer que ao lado dessa trágica crise sanitária que enfrentamos, vivemos, também, um pandemônio no âmbito político, pois há uma crise sem precedentes marcada por um confronto direto com o negacionismo do chefe de estado e daqueles que o apoiam; em pleno século XXI ainda é preciso redizer e reafirmar a importância da ciência para salvarmos vidas. O que vemos é o confronto direto entre o senso comum, baseado em mentiras e desinformação difundidas pelas redes sociais de seus apoiadores (tais como: medicamentos sem comprovação, tratamento precoce sem eficiência e dados científicos) e a ciência, na figura dos cientistas e nos diversos profissionais que promovem, diariamente, a conscientização na luta contínua contra esse vírus.

Como se não bastasse a crise, vimos o governo deixar vencer mais de 240 milhões de reais em medicamentos, vacinas e outros itens de saúde. Só de testes de Covid-19, RT-PCR, foram perdidos mais de 77 milhões⁵. O corte no orçamento para 2022 foi de 85% (3,943 bilhões) em comparação ao ano passado (27,8 bilhão)⁶. Por fim, vale destacar o descaso do

3 Essa nova cepa foi detectada pela primeira vez na África do Sul, em 26 de novembro de 2021. Já em meados de janeiro de 2022, era considerada a variante predominante no planeta, aumentando o número de casos de infecções da Covid-19. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/seis-fatos-sobre-a-omicron-a-variante-mais-transmissivel-da-covid-19>. Acesso em: 11 fev. 2022.

4 Disponível em: <https://exame.com/ciencia/variante-omicron-esta-presente-em-89-paises-diz-oms/>. Acesso em: 11 fev. 2022.

5 Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/governo-bolsonaro-deixa-vencer-r-243-mi-em-vacinas-testes-e-remedios/>. Acesso em: 8 set. 2021.

6 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/orcamento-previsto-para-compra-de-vacinas-em-2022-tem-queda-de-85-25180837>. Acesso em: 8 set. 2021.

governo em mais um ato contra a vida negligenciando a campanha de vacinação infantil⁷ e protelando o início da aplicação das doses nas crianças com mais de cinco anos⁸. Por meio de uma política da morte, o presidente do Brasil, de forma utópica, contraria todas as recomendações sanitárias de controle da doença, promovendo aglomerações, incitando ódio e violência por meio de discursos racistas, misóginos e autoritários. Suas atitudes só refletem o total descaso com a população brasileira causando, tristemente, inúmeras mortes pela Covid-19 e assumindo a triste liderança dos países com o maior número de infectados, mortes e média móvel de casos diários. Recordes que nenhum país do mundo gostaria de somar à sua história.

Nesse duplo confronto, de uma batalha sem vencedores, destacam-se as inúmeras mortes que poderiam ser evitadas se as recomendações de entidades e órgãos de saúde fossem minimamente seguidas. A quantidade de leitos ocupados e a indisponibilidade de abertura de novas vagas em hospitais públicos e privados somam-se a essa tragédia. Diante desse cenário sombrio, as mortes acabaram sendo naturalizadas em formato de números e gráficos divulgados, diariamente, nos telejornais, revistas e redes sociais; a subjetividade de cada um é, por meio dessa política, duramente ceifada e caem num esquecimento profundo, tornando-as estatísticas frias. Há, com isso, uma memória do horror da morte silenciando a dor dos doentes e das famílias enlutadas pela dor profunda da perda do seu ente querido, que morre sozinho sem direito à companhia de ninguém. Destarte, o impedimento do ritual fúnebre, com direito ao velório com o corpo presente e ao enterro, e a impossibilidade de se aproximar dos locais devido ao alto grau de contágio do vírus, além do rápido processo de cremação ou enterros às pressas, intensificam ainda mais a dor dos que ficam.

Como forma de desconstruir essa naturalização imposta pelas estatísticas, alguns memoriais virtuais – *Inumeráveis*, *Reliquia.rum*, *Museu do Isolamento* – emergiram nesse acontecimento da pandemia como modo de instaurar gestos de resistência a esse horror

7 Em 16 de dezembro de 2021, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou a vacina pediátrica da *Pfizer* para a população infantil entre 5 e 11 anos. Embora a chancela de uma das mais importantes agências de saúde do mundo atestando a eficácia das vacinas para esse público, o Ministério da Saúde protelou o início da campanha de vacinação infantil para o início de janeiro de 2022 com a justificativa de que precisava fazer uma consulta pública sobre o fato, desconsiderando o aval favorável já fornecido pela agência científica brasileira. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/anvisa-divulga-integra-de-documentos-que-definiram-aprovacao-da-vacina-para-criancas/>. Acesso em 15 fev. 2022.

8 Os números altos de sequelas graves e mortes de crianças justificam a necessidade de sua inclusão no programa de vacinação contra a Covid-19, que desde o início da pandemia já somam mais de 1.449 entre meninos e meninas até 11 anos e mais de 2.400 casos de síndrome respiratória associada ao novo coronavírus. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/covid-19-ja-matou-mais-de-1.400-criancas-de-zero-a-11-anos-no-brasil-e-deixou-outras-milhares-com-sequelas>. Acesso em 11 fev. 2022.

da morte promovido; trata-se de lembrar dos entes queridos não como números dispersos em gráficos, mas recolocá-los em outras instâncias do dizer, refletindo as subjetividades de cada um. É, a nosso ver, a arte atuando como forma de re(x)istência.

Nesse artigo, partimos da observação desses memoriais virtuais, em especial, os perfis das redes sociais do *Museu do Isolamento* e os *Inumeráveis* para analisar os efeitos de resistência criados, pensando nesse acontecimento da pandemia e as transformações sociais que ele promove(u). Como forma de ressignificar a morte e o luto, esses memoriais virtuais discursivizam dando voz àqueles que se foram em decorrência da doença, não os deixando ser esquecidos ou apagados. Analisamos os efeitos de sentido criados com esse acontecimento e a memória ressignificada quando são deslocados de um campo a outro como vemos, por exemplo, a reprodução das memórias marcadas pelo perfil dos *inumeráveis* em programas televisivos, tais como, *Jornal Nacional* e *Fantástico*. Nossas reflexões estarão embasadas nos pressupostos teórico-metodológicos da análise do discurso de matriz francesa, notadamente nos conceitos de memória e acontecimento de Michel Pêcheux (2008, 2010).

A memória e o acontecimento em discurso: a pandemia da Covid-19

Quando afirma salientar as filiações (memória), por um lado, e o deslocamento de outro, Michel Pêcheux (2008) parecia preocupado em analisar o processo de circulação discursiva em grande escala com o objetivo de colher os diversos efeitos de sentidos gerados, em contraponto ao que é logicamente estabilizado. Logo, o filósofo francês, em sua obra *O discurso: estrutura ou acontecimento* problematiza a temática do acontecimento. Assim, ele afirma que o acontecimento não concerne apenas ao fato exterior do discurso, ao contrário, é parte constitutiva da discursividade, é, pois, responsável pelo embate entre uma memória e uma atualidade e não permite uma recorrência do repetível, mas uma ressignificação. Em outras palavras, podemos dizer que enquanto a memória configura-se no estabelecimento de uma regularidade enunciativa, o acontecimento, por sua vez, promove, contrariamente, uma irrupção.

Pensar a pandemia de Covid-19 discursivamente, sobretudo observando as (res) significações da morte, e tratá-la como um acontecimento na história, é buscar compreender as novas redes de filiações e circulação de discursos que aparecem em distintos lugares de circulação, compondo diferentes materialidades. Em nosso caso, por exemplo, é analisar a passagem das estatísticas registradas pelo discurso oficial (ou do senso comum), em que os mortos “perdem” a identidade, para a sua (res)significação nos memoriais virtuais, que emergem durante esse momento de grave crise de saúde pública. Logo, significa dar voz, corpo e sentido aos mortos e enlutados, identificando-os como cidadãos brasileiros e brasileiras, amores de alguém, que perderam a vida na luta contra o vírus.

A noção de condições de produção é um dos conceitos basilares na análise do discurso, em que vemos constantemente o jogo de forças e relações constituintes resultantes desse processo discursivo. É por meio delas e da realização do processo discursivo em três níveis que podemos dizer que há uma (re)atualização da memória do morrer na pandemia: a constituição, a formulação e a circulação (ORLANDI, 2002). Conforme Orlandi (2002), a constituição do dizer é estabelecida por meio de uma memória do dizer no qual se marcam discursivamente os efeitos de sentidos relativamente estabilizados, advindos de pré-construídos e discursos outros, já-ditos; em relação à formulação, ela efetivamente acontece a partir do momento em que as condições de produção desses dizeres se ligam, direta ou indiretamente, às circunstâncias da enunciação, em nossa empreitada, a morte, que era apenas números, torna-se histórias de vida, que não se perderam mesmo diante do descaso e da omissão dos discursos oficiais. Contudo, a transformação da memória acontece apenas no nível da circulação, pois há uma atualização, fazendo intervir os sujeitos e o jogo de sentidos como resultado da ressignificação de uma atualidade e uma memória baseados nas condições de emergência de discursos que refletem cada tempo e cada formação social. A autora ressalta ainda a importância desses três níveis discursivos como um processo, em que

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). É desse jogo que tiram seus sentidos. (ORLANDI, 2002, p. 33).

Diante das condições de produção no e pelo discurso, vemos a instauração de outras redes de memórias sobre a morte diante do acontecimento da pandemia. A nosso ver, os memoriais emergem como instâncias discursivas que deslocam a memória da morte de um campo a outro, por exemplo, do número para a biografia singular e do efeito de horror para a arte. Criam-se, com isso, outros sentidos que deslocam o já dito e promovem redes de filiação dos sentidos e efeitos dessa memória em novas (des)construções.

Ao considerar a memória, é preciso pensá-la a partir do discurso que sustenta uma anterioridade e que se constitui a partir dela certas práticas sociais de retomada, rupturas e deslocamentos de sentidos. É, dessa forma, pensarmos as palavras já ditas que adquiriram estabilidade na ordem do repetível, deslocando-se em diferentes contextos sócio-históricos e ideológicos. Nesse sentido, o domínio da memória determina como a materialidade discursiva funciona

[...] em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÉCHEUX, 2010, p. 52).

Ao pensar que as palavras não significam por si só, é necessário compreender os seus deslocamentos de sentidos que se ligam a partir de seus contextos e conjunturas históricos, que se inscrevem num jogo de deslocamentos, repetições e atualizações. A memória, na perspectiva pecheuxiana, dá corpo à língua a partir da divisão dos sentidos, da contradição entre o mesmo e o diferente, da tensão criada entre a repetição, a ruptura e o deslocamento. Nas palavras do autor, trata-se de “um jogo de força na memória sob o choque do acontecimento” (p. 53). Assim, pensar essa relação é trazer à tona a dialética histórica causada pela tensão e disputa entre as diferentes posições de poder, num jogo constante de lembrar e esquecer, poder dizer ou ficar em silêncio, repetir na ordem do discurso tudo aquilo que pode se estabilizar nas redes de memória ou romper com as repetições, promovendo novas regiões de filiação dos sentidos.

Nesse espaço de movências, dobras, a memória discursiva marca-se como um espaço heterogêneo, contraditório e sobretudo aberto às ressignificações. Nele é possível, a despeito do horror da morte criado durante a pandemia, além das montanhas de números de corpos, constituir e estabelecer outros dizeres e outras imagens que se colocam memorialmente contra a naturalização dos sentidos estabilizados para adoecer e morrer com esse vírus.

Resistir ao horror dos números: a arte no/pelas redes

Para este nosso gesto de leitura, partimos, inicialmente, de algumas postagens feitas pelo perfil do Instagram @Museudoisolamento. Trata-se de um memorial virtual que emergiu no contexto da pandemia da Covid-19 e ressignificou os modos de se promover a arte na/pela rede. Ou seja, a partir da necessidade do isolamento social, era preciso repensar e reinventar a arte, resistindo ao horror dos números de casos que emergiam a todo instante nas grandes mídias, dando espaço aos fatos do cotidiano que representavam esse momento de transformação social. Logo, era o momento de (re)pensar a arte do cotidiano metaforizada pelo virtual que permitiram surgir vestígios de re(x)istência em relação à falta de políticas públicas de controle da doença e o contínuo descaso do governo.

Desse modo, concebemos e compreendemos uma arte no/pelo digital que grita contra a negligência e ressignifica imaginários sociais, rompendo pré-construídos e instaurando novas memórias discursivas sobre a vida, o bem-estar e a saúde, resistindo a uma necropolítica⁹ latente em nosso país, de não nos deixarmos esquecer de dias melhores.

9 Mencionamos aqui Mbembe (2018 [2003]), um autor que, em sua obra, *Necropolítica*, expôs uma prática bastante comum no ocidente, em que desumaniza certas populações, fomentando a violência contra certos grupos – pobres, negros, mulheres, homossexuais, entre outros – regulando a distribuição da morte.

Figura 1. Arte de Giovanna Alimari



Fonte: Museu do Isolamento Brasileiro

É pela arte que expressamos a nossa re(x)istência diante de posicionamentos autoritários e dominantes. As redes sociais têm adquirido um papel fundamental no processo de (re)produção desses sentidos, além disso, constituíram-se como um processo de “digitalização do mundo”, em que “práticas de linguagem tendem à metaforização das relações sociais e das práticas do sujeito que por meio do acesso deslocam o campo da ‘luta’ para uma inscrição na forma digital” (DIAS, 2016, p. 10).

Diante da dificuldade e da negligência causada pelo poder executivo e seus discípulos no início da campanha de vacinação infantil em janeiro de 2022, o Brasil tem alcançado índices alarmantes de crianças que são acometidas diariamente pela Covid-19, causando a morte de muitas delas. Contra esses altos números e a desinformação propalada, iniciou-se várias campanhas de incentivo à vacinação infantil como uma forma de evitarmos mais óbitos e chegarmos, um dia, ao controle total da pandemia.

Para esse público, observamos a ressignificação de alguns imaginários sociais infantis e que são retomados em novas formas enunciativas com o objetivo de preservar a vida: a criança é o futuro da nação, tem a força de um super-herói e nós, adultos, precisamos salvaguardar. Há, com isso, gestos de se trazer cenários bastante conhecidos desse

público infantil – desenhos animados, *cartoons*, *singles*, entre outros – como forma de estímulo a se vacinarem¹⁰.

Com efeito, na figura 1 vemos esse imaginário mais uma vez sendo reproduzido com a caracterização da criança como um super-herói, capaz de vencer a pandemia e o vírus por meio da vacina. É o discurso fantástico assumindo novos contornos e emergindo para esse novo acontecimento por meio da representação material da capa, da máscara e da roupa que traduzem um já-dito e propagado sobre o público infantil, o desenho do *Superman*, por exemplo. Nesse caminho, a capa e a vestimenta são figurativizadas na imagem e contribuem para ressignificar o valor do ser sujeito-criança para a sociedade e o seu destino diante da trágica situação sanitária. Atrair o poder do desenho animado, do super-herói de mentira à vida cotidiana do sujeito-criança é mobilizarmos muito mais do que conceitos fictícios marcados pelo poder de mover montanhas ou habilidade de voar, mas é (des)construir esse imaginário da fantasia como fundamental para mudarmos uma realidade latente, num contexto pandêmico, extraíndo a invencibilidade do desenho para a força de um simples e fundamental gesto a favor da vida, a vacina, um símbolo do amor e da esperança como o próprio *Superman* difunde e carrega sob o seu peito com o brasão familiar “S”. Diante do caos da doença, das poucas certezas que temos sobre o que pode(rá) acontecer, o céu estrelado da imagem, a lua bem definida ao fundo só pode (res)significar contornos dessa esperança do herói que existe em toda criança vacinada.

Ademais, pode-se, com isso, pensar que a pose dos dois sujeitos-crianças assume a maturidade de encarar de frente as adversidades e a partir delas romper com o “lugar comum” da desinformação acerca da vacina, incentivando outros, alertando sobre os benefícios que ela traz não só para os adultos, mas também às crianças que um dia crescerão e serão, enfim, o futuro do país.

Podemos dizer que a imagem publicada em meio à pandemia e ao pandemônio brasileiro inscreve-se sob a forma de re(x)istir a qualquer forma de dominação, materializando-se pela arte como um subterfúgio da morte latente que assola todos nós diariamente. Sob a clara definição da lua, a névoa ainda marcada como desconhecida, há a esperança de dias melhores e o olhar sob o horizonte estrelado retrata um novo dia que nasce quando uma criança toma a vacina e se salva da doença. Trata-se do grito heroico do público infantil que quebra o silêncio imposto e ratifica a luta, a re(x)istência diante do radicalismo exacerbado.

10 No início de 2022, o estado de São Paulo iniciou uma campanha publicitária de incentivo à vacinação infantil na televisão que usa uma personagem muito conhecida pelas crianças, a Galinha Pintadinha. No vídeo, vemos ela e sua turma mostrando a importância de tomar a vacina contra a Covid-19; o objetivo é, por meio desse cenário lúdico, atrair o maior número de crianças que se identificam com esse imaginário social a aderirem à campanha e salvarmos vidas. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/governo-de-sp-lanca-campanha-para-incentivar-vacinacao-em-criancas/>. Acesso em: 14 fev. 2022.

Figura 2. Arte de Alice Costa



Fonte: Museu do Isolamento Brasileiro

A figura 2 traduz em sua materialidade um conjunto de discursos que reverberam o efeito de esperança sobre o fim da pandemia. A vacina, mais uma vez, ocupa a parte central da imagem e é a nossa esperança para um futuro melhor. A flor que desabrocha sob a seringa representa o renascer; o vermelho já não mais representa o sangue derramado pelas mortes, mas torna-se símbolo do amor e da dedicação de tantos profissionais da saúde e de cientistas que se debruçaram dia e noite, sem descanso, na produção rápida de um imunizante que salvasse vidas e diminuísse os casos de infecção e mortes. Num jogo interdiscursivo, a música de Alceu Valença, *Anúnciação*, ao fundo da imagem, também em vermelho, movimenta a esperança do fogo da vida como uma fênix; apesar de todo o caos, há, ainda, uma esperança. Trata-se do esperar pela arte, a espera de uma luz nesse novo horizonte que emerge.

Pêcheux (2010, p. 53) afirma que “sob o ‘mesmo’ da materialidade da palavra abre-se então o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva [...] Uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase”. Nesse caminho, sob a repetição de uma memória, trazida pela música de Alceu Valença, vemos uma repetição de enunciados que irrompem na história, (re)significando o já dito e (re)prensando-o a partir das novas condições de produção. A vacina discursiviza um ícone do acontecimento histórico, científico e discursivo e instaura os implícitos que são absorvidos pela memória.

Num segundo momento, analisaremos o perfil dos @Inumeráveismemorial. Trata-se de um projeto idealizado por Edson Pavoni e o empresário Rodrigo Oliveira logo no início da pandemia, surgiu com a proposta de lembrar das vítimas do novo coronavírus para além das estatísticas. Assim, *Inumeráveis* tem como objetivo dar rosto a todas as histórias por trás dos números e, com isso, ressignificar a morte e o luto. Segundo os autores, “não há quem goste de ser número, gente merece viver em prosa”, isto é, “as histórias penetram no coração num lugar onde os números não conseguem”.

Tal iniciativa promove ressignificar os sentidos da morte, cristalizados e historicizados na memória coletiva, e irromper novos sentidos diante de um acontecimento que os descontrói e os desloca a outros campos e novas memórias. Com esse gesto de leitura, buscamos compreender os efeitos de sentidos e os deslocamentos da memória e do acontecimento que irrompem sobre a morte, que saem do lugar comum das estatísticas e dados numéricos e a colocam como uma memória de importância, de atenção, de re(x)istência, de dar visibilidade aos entes queridos de muitas famílias brasileiras. Vejamos:

Figura 3. Inumeráveis



Fonte: “Memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil. São versos definidores disponíveis no *Memorial dos Inumeráveis*, escritos por Edson Pavoni. Disponível em: <https://inumeraveis.com.br/antonio-lucio-da-silva/>. Acesso em: 13 set. 2021.

Figura 4. Inumeráveis



Fonte: Disponível em: <https://inumeraveis.com.br/deli-rodrigues-pereira/>. Acesso em: 13 set. 2021.

A morte tratada em *Inumeráveis* permite-nos repensar o acontecimento do vírus, em que se configura em um movimento de lembrar dos mortos esquecidos pelos números do governo e sua política da morte e transformá-los em lembranças queridas, seres humanos, brasileiros, acometidos por uma doença brutalmente mortal. Compreende-se, pela sua formulação discursiva, que esse memorial “assume o papel de contar o nome e um pedaço da história desses seres únicos no mundo que só aparecem como casas decimais nos jornais, constituindo, dessa forma, resistência à morte sem traços” (BALDINI; NASCIMENTO, 2021, p. 88).

Como forma de pensar esses deslocamentos de sentidos, reverberando uma memória diferente a dos números, vemos esse acontecimento da pandemia tomando outros campos, diferente da área médica e saúde, fomentando o discurso da humanização, do amor de alguém que jamais voltará. Nas imagens a seguir, observamos a representação da morte não como estatística, mas como formas de referenciar esse acontecimento distanciando dos discursos oficializados.

Assim, vemos na figura 5 a representação dos primeiros meses da pandemia no país, quando o Brasil atingiu 10 mil mortes. Em sua capa, o jornal *O Globo* ressignificou os números, destacando as mortes como histórias, um momento histórico que (des)disse a oficialização dos números e trouxe um novo olhar ao luto, aos amores que se foram. Destacar as HISTÓRIAS é muito mais do que simplesmente indicar dados, mas é recontá-las a partir das subjetividades, das singularidades dos entes queridos. Nas figuras 3 e 4, são o Antônio e a Deli, amores singulares, pai e mãe dedicados que se destacavam entre tantos outros como o melhor mecânico e a melhor confeitadeira da região. Trazê-los

nominalmente é romper com a memória do número frio, singularizando pessoas por meio das suas subjetividades, conferindo voz e sentido a essas transformações ocasionadas por esse “novo normal”.

Na figura 6, por sua vez, vemos a trágica representação de um ano marcado por tristes recordes, trata-se do desenho do Brasil que atingiu a marca de 400 mil mortes. A capa da revista *Extra* ressignifica os números e desnaturaliza a morte, salientando, mais uma vez, as HISTÓRIAS perdidas em decorrência da Covid-19. De fato, não se trata mais de olhar o país constituído apenas pelas linhas e fronteiras geográficas, mas de compreender um cenário transformado por uma doença que mata diariamente dezenas de pessoas, subtraindo subjetividades de um espaço que é tão multicultural e heterogêneo. A morte de um ente querido não se representa apenas por um vetor, mas constitui-se como a perda de um amor que se singularizava nesse todo cultural.

A cor escura ao fundo da capa traduz a memória cultural do luto. Ou seja, o mapa sem contorno sob a escuridão marca por si esses deslocamentos da memória constituída do luto e redefine-a pela nominalização dos mortos, instaurando novas memórias sobre o morrer. Nesse caminho, dos deslocamentos reditos pelas redes, vemos novos contornos tomando outras fontes de informação, das notícias gélidas transformadas em re(x)istência dos memoriais virtuais e pela arte, passando para o campo jornalístico.

Figura 5. Jornal *O Globo*, 10/05/2020



Fonte: Disponível em: <http://glo.bo/3LkuHe5>. Acesso em: 13 set. 2021.

Figura 8. Inumeráveis, Fantástico



Fonte: Globoplay, recorte da edição do Fantástico, 6 set. 2020, Inumeráveis.

Figura 9. Jornal Nacional, outubro de 2020



Fonte: Globoplay, recorte da edição do *Jornal Nacional*, outubro de 2020.

As imagens anteriores reforçam esses desdobramentos de sentidos criados a partir da nova memória instaurada com esses acontecimentos discursivos. Nas figuras 7 e 8¹¹, vemos um quadro do programa jornalístico da rede Globo, o *Fantástico*, chamado de *inumeráveis*, em que encontrávamos as HISTÓRIAS, as características peculiares,

¹¹ Nas imagens em destaque, vemos Edson Celulari revivendo as subjetividades do senhor Luiz Carlos, vítima da doença. É um testemunho dos familiares dado ao projeto *Inumeráveis*. O ator diz: “Os olhos de Luiz brilhavam ao contar como gostava de atender os pacientes em suas casas. Teve quatro filhos e deixou cinco netos, além das noras e do genro. Tinha um orgulho danado da prole que construiu com Rosário, seu amor há quase 50 anos. Onde estava era a fonte de alegria. Internado, pediu para falar com os netos. Não deu tempo. Agora, as netinhas olham para o céu mandando beijos para a estrela mais brilhante. Sabem que o vovô, onde está, retribui o carinho com o mesmo entusiasmo e alegria que marcaram a sua vida”. (*Inumeráveis*, *Fantástico*, 06/09/2020).

singularidades de brasileiros e brasileiras representados pela página virtual do memorial *Inumeráveis* na voz de atores globais. Na figura 9, observamos outro recorte, de outro programa global, o *Jornal Nacional*, subjetivando os rostos das pessoas falecidas em decorrência da Covid-19. Vimos que a cada nova notícia sobre a doença, os números divulgados das mortes, o cenário se enchia com as figuras, amores de alguém, brasileiros e brasileiras que perderam a luta contra o vírus. Trata-se de mais um gesto de se pensar o deslocamento da memória cristalizada da morte e do luto e ressignificá-los a partir dessa irrupção do acontecimento da pandemia nas redes, resistindo aos discursos oficiais, aos vetores e números e destacando a singularidade de cada sujeito.

Como acontecimento discursivo, que instaura uma nova memória da morte, analisamos o fluxo de circulação desses efeitos de sentidos criados na rede social, adquirindo outras materialidades, isto é, observamos os deslocamentos que ocorreram do discurso da morte que se iniciou na página de internet, para depois figurar no jornal *O Globo*, quando a pandemia já tinha levado mais de 10 mil brasileiros e brasileiras; logo em seguida, migra para diversos depoimentos feitos por atores e atrizes globais no *Fantástico* e, por fim, os rostos estampando o cenário jornalístico do *Jornal Nacional*. A forma de circulação da morte e do luto possibilita abrir e criar um espaço de filiações nessa imensa rede, que sai do domínio da saúde e ocupa outros campos, por exemplo, o jornalístico.

Diante disso, ao considerar a memória, é preciso pensá-la a partir do discurso que sustenta uma anterioridade e que constitui, a partir dela, certas práticas sociais de retomada, rupturas e deslocamentos de sentidos. É, dessa forma, pensarmos as palavras já ditas que adquiriram estabilidade na ordem do repetível, deslocando-se em diferentes contextos sócio-históricos e ideológicos.

Considerações finais

Diante da iminência da morte em razão de um vírus e da negligência e descaso do governo no controle da sua infecção, podemos pensar o deslocamento de sentidos que antes pareciam estabilizados. A partir das novas condições de produção, vemos as transformações sociais que permitem reavaliar nossas práticas sociais e científicas, (re)significando-as. A emergência do acontecimento do vírus foi responsável por promover outras instâncias de memória coletiva, desregulando esses sentidos cristalizados e transformando-a em um novo contexto, da “nova normalidade” latente.

Os memoriais digitais, em nosso caso, o *Museu do Isolamento*, servem como refúgio e resistência à necropolítica implantada do atual governo. A arte transpira esses sentidos sobre o resistir, produzindo uma ruptura e um deslocamento que se materializam no interior da língua. Assim, a resistência é constitutiva do processo discursivo, o sujeito não controla o seu dizer, como afirma Pêcheux (2014, p. 277), não há um “ritual sem falhas”. Ou seja, trata-se da possibilidade de (des)dizer o já-dito rompendo com imaginários pré-estabelecidos que promovem uma separação entre ideologias dominantes e dominadas.

Já em relação ao perfil dos *Inumeráveis*, a sua forma de composição (res)significa os sentidos de arte, vida e pandemia, a sua composição resiste ao negacionismo atuando como mecanismo de discursivização sobre outros fios de memórias coletivas que se instauram a partir desse acontecimento discursivo. Nesse caminho, com a irrupção desse acontecimento, alguns implícitos puderam ser ditos e foram se constituindo como dominantes na memória social. A passagem de um campo a outro só reforça a instauração de novas memórias, rompendo com os implícitos de uma memória social e coletiva sobre o morrer e o luto. Trata-se, com isso, de forma de reinterpretar práticas sociais já consolidadas e colocá-las em discussão e (re)definição como um acontecimento linguageiro.

Os números, os vetores e as estatísticas acabaram se tornando tão “naturais” ao longo da pandemia que esses materiais digitais irrompem como forma de deslocar essa memória de morte e do luto como sinônimo de cifras, mas caracterizá-los como amores, brasileiros e brasileiras que, muitas vezes, não tiveram acesso às informações que garantiriam minimamente a proteção de suas vidas. É, desse modo, desnaturalizar o que se estabilizou na memória coletiva dos sujeitos pela irrupção do acontecimento da doença. O descaso na compra de vacinas pelo governo, a negligência com a vacinação infantil e a ineficiência no combate e no controle da doença em nosso país, assim como a falta de orientações, sobretudo por meio da disseminação da desinformação, contribui(u) e muito para atingirmos altíssimos casos de infecções e mortes.

Enfim, o Brasil se vê numa grave crise sanitária, política e ética comprovada pela crueldade de um governo que a todo custo tenta sufocar nossa democracia, atacar instituições e métodos científicos, minimizando as mortes e o vírus, aos olhos de muitos, poderíamos dizer que o executivo, a todo momento, está a favor da doença, pois seu jogo é disseminar mentiras fantasiadas de “verdades”, gerando ódio, violência e preconceito, o que dificulta (e muito!) o combate à doença. A nós, cientistas, resta-nos lutar e re(x)istir contra os implícitos, desmistificando ditos e enunciando cientificamente modos de interpretação dos discursos, dando voz e corpo a diferentes maneiras de resistir ao autoritarismo e ao fascismo, assim como quebrar memórias cristalizadas e instaurar novas a partir dessas transformações sociais que se apresentam a todo instante.

Referências

ALIMARI, G. Sem título. *Instagram Museu do Isolamento*, 6 fev. 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CZpYsMUI2qK/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 11 fev. 2022.

Anvisa divulga íntegra de documentos que definiram aprovação da vacina para crianças. *CNN Brasil*. Disponível: <https://bit.ly/3NllylB>. Acesso em 15 fev. 2022.

COSTA, A. Sem título. *Instagram Museu do Isolamento*, 5 fev. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CK7TnObnYzn/>. Acesso em: 10 set. 2021.

Covid-19 já matou mais de 1.400 crianças de zero a 11 anos no Brasil e deixou outras milhares com sequelas. *Instituto Butantan*. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/covid-19-ja-matou-mais-de-1.400-criancas-de-zero-a-11-anos-no-brasil-e-deixou-outras-milhares-com-sequelas>. Acesso em: 11 fev. 2022.

BALDINI, L.; NASCIMENTO, E. M. "Esse verso é um pouquinho de uma vida inteira...": os inumeráveis e a morte inominável. *Linguasagem*, v. 37, n. 1, p. 69-90, 2021. Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/857/489>. Acesso em: 13 set. 2021.

10 mil histórias. *O Globo*, 10 mai. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus/as-historias-por-tras-dos-numeros-da-covid-19-24419061>. Acesso em: 13 set. 2021.

DIAS, C. A análise do discurso digital: um campo de questões. *REDISCO – Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo*, [S.1], v. 10, n. 2, p. 8-20, 2016. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2515/2079>. Acesso em: 11 abr. 2021.

Governo Bolsonaro deixa vencer R\$243 mi em vacinas, testes e remédios. *Carta Capital*. Disponível em: <https://bit.ly/39ClH60>. Acesso em: 13 set. 2021.

Governo de SP lança campanha para incentivar vacinação em crianças. *Governo de São Paulo*. Disponível em: <https://bit.ly/3NpWriB>. Acesso em: 14 fev. 2022.

Inumeráveis. *Fantástico*, 6 out. 2020. Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em: 13 set. 2021.

Divulgação de informações sobre a Covid-19. *Jornal Nacional*, out. 2020. Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em: 13 set. 2021.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. Resistir, resistir, resistir...primado prático discursivo! In: FERRARI, A. S. et al. (org.). *Discurso, resistência e...* Cascavel: EDUNIOESTE, 2015. p. 159-167.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. Tradução Renata Santini. 2 ed. São Paulo: n-1 edições, 2018 [2003]..

Museu do isolamento. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/museudoisolamento/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

O que se sabe da variante delta. *Instituto Nacional de saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira – IFF/Fiocruz*. Disponível em: <http://www.iff.fiocruz.br/index.php/8-noticias/782-variante-delta>. Acesso em: 13 set. 2021.

Orçamento previsto para compra de vacinas em 2022 tem queda de 85%. *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/orcamento-previsto-para-compra-de-vacinas-em-2022-tem-queda-de-85-25180837>. Acesso em: 13 set. 2021.

ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. (org.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

400 mil mortos. *Jornal Extra*, 30 abr. 2021. Disponível em: <http://glo.bo/38ASwRB>. Acesso em: 13 set. 2021.

Seis fatos sobre a ômicron, a variante mais transmissível da Covid-19. *Instituto Butantan*. Disponível em: <https://bit.ly/3wwoDe1>. Acesso em: 11 fev. 2022.

Variante ômicron está presente em 89 países, diz OMS. *Exame*. Disponível em: <https://bit.ly/3sPtJ2R>. Acesso em: 11 fev. 2022.